



Sementeia: plantado sonhos, semeando sentidos e articulando resistências no campo e na cidade¹

Marcelo Vaz Pupo²
Márcia M. Tait Lima³
Kellen Maria Junqueira⁴
Janaína Welle⁵
Bruno Lacerra de Souza⁶

A vida no campo e a Agroecologia proliferam signos, códigos e linguagens próprias que permanecem ausentes para o conjunto da sociedade. A comunicação tem o papel de principal mediadora das relações sociais e da percepção da realidade, onde novas maneiras de experimentar e de organizar o mundo são criadas. As disputas concretas e materiais (como as que se dão em torno das questões ambientais e da produção de alimentos) passam pelo campo simbólico, pela produção de cultura e a produção e difusão de sentidos as quais são estratégicas para a construção e fortalecimento de propostas contra-hegemônicas. Compreender que as disputas também se dão no campo simbólico faz que tenhamos outra postura frente ao que é dito e frente a como dizemos algo. A Plataforma Sementeia (<http://sementeia.org>) ao reconhecer este

¹ Trabalho apresentado no GT 15: A linguagem da existência: lutas sociais e produção partilhada do conhecimento em audiovisual.

² Marcelo Vaz Pupo, Mestre em Divulgação Científica e Cultural, estudante de doutorado no PECIM/UNICAMP, celo@riseup.net.

³ Márcia Maria Tait Lima, Doutora e Pós-doutoranda em Política Científica e Tecnológica, professora do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (Labjor-Unicamp) e pesquisadora do GT Agroecologia (IEA-USP) marcia.tait@gmail.com.

⁴ Kellen Maria Junqueira, Doutora em Multimeios, Pesquisadora/ Laboratório TerraMãe - Faculdade de Engenharia Agrícola/UNICAMP, kellen@fegri.unicamp.br

⁵ Janaína Welle, Mestre em Multimeios (Unicamp) e mestre em Antropologia Visual (Universidade de Barcelona), wellejanaina@gmail.com.

⁶ Bruno Lacerra de Souza, Mestre em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, doutorando do PPGS de Sociologia - UFSCar, bruno_lacerra@hotmail.com.



papel para a comunicação busca uma ação social que integra tecnologias da informação, produção de conhecimento e resistência social, visando desconstruir os mecanismos de funcionamento e articulação dos discursos para a construção de outros.

Sementeia - semente, trama, teia

A concepção e construção da plataforma virtual Sementeia surgiu a partir de questionamentos que emergiram, principalmente, dos debates e reflexões ocorridos em diversos fóruns que o Laboratório Terra Mãe (ligado a Universidade Estadual de Campinas-Unicamp) participa, desde os diálogos e ações que estabelece e realiza com diversos atores de comunidades de agricultores familiares rurais e tradicionais, com os pesquisadores, estudantes e profissionais envolvidos em ações nestas e ainda pelos espaços de formação que oferece, dos quais se pode destacar o que se deu pela disciplina “Meio ambiente, questões agrárias e multimeios” oferecida em 2014 e a seguir em 2015.

A Plataforma foi concebida para que expressões populares de resistência ganhem visibilidade a partir da dispersão de conteúdos — *sementes* — em rede, tais como vídeo, som, podcasts, imagem, texto, articulando parcerias em um território amplo. O nome da plataforma -SEMENTEIA- remete ao desejo de que as *sementes*, entendidas como *unidades de conteúdos* compartilhadas, possam fomentar e instigar os que tiverem



contato com elas a uma conexão crítica com os temas abordados/apresentados, e ainda que o espaço, em sua trama e teia possibilite trocas e construções coletivas. As *unidades de conteúdos* são assim sementes da luta, da resistência, que em teia possibilitam colaborações, produções colaborativas, outras configurações, quiçá transformações. O projeto foi premiado em 2015 pela chamada de Pontos de Mídia Livre do Ministério da Cultura dentro da categoria estadual com o projeto “Multi-mídia, Educação e Resistências em uma plataforma virtual”.

Gestão Colaborativa e Parcerias

A Sementeia se propõe a desenrolar-se em uma teia formada na interação com e entre os parceiros favorecendo que as sementes sejam disseminadas pelo mundo e possam crescer longe da monocultura imposta pela cultura de massas. Para isto a colaboração, envolvimento e autonomia são pontos fundamentais. Os parceiros, *movimentos de resistência*, ao se integrarem a Sementeia recebem uma senha pela qual tem total liberdade para criarem suas sementes, sendo cada semente identificada pela autoria/parceiro responsável pela postagem. Entre os parceiros, presentes desde a concepção da Plataforma, destacamos o Assentamento Milton Santos, a Rede de Agroecologia da Unicamp e o Coletivo Saravá (dedicado a mídias e software livre).

Processo crioulo de produção simbólica

O campo de disputa simbólica envolvido no conflito *produção para o agronegócio x produção agroecológica* apresenta componentes importantes diretamente relacionados à mobilização das organizações. Nossas experiências com as trajetórias das comunidades camponesas e movimentos sociais populares têm mostrado que existe uma necessidade de se ampliar o diálogo com um público mais abrangente, de forma que sua luta e resistência social possam ser vistas, ouvidas, inspirando reflexões e ações. A ação



social coletiva dos movimentos do campo materializa um significado específico para "agricultura" e para a produção alimentar. Na Agroecologia (como movimento, campo de conhecimentos e prática da agricultura) também está presente a preocupação com a produção de sentidos e construção de processos horizontais de produção de conhecimentos (troca de saberes), valorização das culturas locais e camponesa, estes aspectos estão co-relacionados com a produção-difusão de mensagens e signos pelos processos de comunicação.

Além das monoculturas das paisagens agrícolas, outra delas é contestada: a monocultura existencial imposta pela atual ordem ideológica. Este processo se dá através de sociabilidades que se distinguem da ordem neoliberal, notadamente porque nas sociabilidades com caráter campesino existe uma clara relevância dos saberes locais para a geração e valorização do conhecimento sob a inspiração e o controle das populações locais - como é o caso das sementes crioulas: *“O processo crioulo de produção simbólica” busca integrar comunicação, educação, redes sociais e tecnologias da informação para apoiar e estimular a memória cultural e as semânticas camponesas usualmente marginalizadas pelos discursos hegemônicos*”.

Os meios crioulos de produção simbólica podem ser definidos como o conjunto de ações capazes de promover a partilha desses significados e sentidos por qualquer coletivo. Para que o processo crioulo de produção simbólica se desenvolva como tal é fundamental que a participação coletiva seja garantida. A linguagem popular deve ganhar espaço e valor, a história a ser narrada deve se valer e se moldar no processo de identificação dessa linguagem. Disso reafirma-se que o meio crioulo, em essência, trata de um processo e não de um produto.

Em parceria com o Centro de Pesquisas e Estudos Agrários e Ambientais (CPEA) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Unesp de Marília, realizamos o projeto “Cinema, Juventude e Ruralidades”, iniciado em 2015, com duração de dois anos. O projeto visa à formação de jovens moradores do Assentamento Rural Reunidas, na cidade de Promissão no Estado de São Paulo. Os conteúdos temáticos são trabalhados a



partir da relação dialógica entre a equipe e os jovens, de modo que dinâmicas de grupo compõem o repertório metodológico da equipe permitindo, ao mesmo tempo, a participação da turma e a práxis necessária à construção das *formas adequadas (crioulas) de produção audiovisual*. Nesse processo de formação a Plataforma Sementeia tornou-se um elemento fundamental em nossa proposta pedagógica, já que proporciona um ambiente educomunicativo que viabiliza o acesso autônomo dos jovens para que materiais produzidos ao longo do curso sejam postados — semeados — e compartilhados via web.



Foto 1 - Homenagem feita ao poeta **Luiz Beltrame** pela Turma Luiz Beltrame, Projeto “Cinema, Juventude e Ruralidades”.

Referências bibliográficas

BARRETO, Helena Martins do Rêgo. *Comunicação e contra-hegemonia: A produção comunicativa como estratégia política do MST*. 2012. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Comunicação, Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

COSTA NETO, Canrobert. *As dimensões territoriais da agroecologia e do agronegócio e os alcances e limites da noção de sustentabilidade*. Revista Brasileira de Agroecologia, vol. 2, n. 2, out. 2007.



ESPINOSA, Julio García. *Por um cinema imperfeito*. In: Pontão de Cultura Rede Cultural Terra. Caderno das artes: estudos sobre audiovisual e a construção da realidade. São Paulo: Cepatec, 2009. p. 90-99.

PUPO, Marcelo Vaz. *Bem-te-vis imagéticos no encontro com o outro, olhares da movimentação campo-cidade*. Dissertação (Mestrado) – Divulgação Científica e Cultural, Instituto de Letras e Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Por Uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências*. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, v. 1, n. 63, p.237-280, out. 2002.